

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Mateus Barreto Ribeiro

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRENÇA NO DESTINO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Humberto Araujo Quaglio de Souza.

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Mateus Barreto Ribeiro, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201673007A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRENÇA NO DESTINO**, desenvolvido durante o período de 11 de março 2019 a 21 de junho 2019 sob a orientação de Humberto Araujo Quaglio de Souza, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Mateus Barreto Ribeiro

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRENÇA NO DESTINO

Mateus Barreto Ribeiro¹

RESUMO

O presente artigo visa analisar as dificuldades em se entender o fenômeno da crença no destino e esclarecer os motivos que levam esse conceito a ser algo tão popular entre as pessoas, a ponto de interferir nos pensamentos e atitudes de cada um, sendo assim um elemento ativo e influenciador de toda a sociedade. O método constituirá na reflexão sobre a questão das influências religiosas, do abandono social, da liberdade aterradora e da cobrança psicológica, tendo como base os autores Agostinho de Hipona, Émile Durkheim, Jean-Paul Sartre e Byung-Chul Han, respectivamente. A partir disto o esperado é que fique claro que as razões para se acreditar na predeterminação são frutos de uma fuga por parte do próprio ser humano da realidade como de fato é e de si mesmo, pelo medo de encarar o vazio que é sua essência e como isso pode ser uma alienação para a própria vida, propondo assim uma contramedida, através do “*amor fati*” e do “*super-homem*” de Friedrich Nietzsche.

PALAVRAS-CHAVE: Destino; Liberdade; Sociedade; Angústia; Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

Destino é uma palavra extremamente comum no nosso dia a dia. Muitas vezes ouvimos ou dizemos ela sem nos atentarmos. Contudo, a maioria dos acasos tem uma explicação racional e lógica. O que leva uma pessoa a crer no conceito de destino? Esta é a pergunta norteadora deste artigo, que analisarei buscando os motivos e não a validade destes como provas para a existência de uma predestinação.

Questões religiosas que reforçam (muitas vezes contraditoriamente) a ideia de predeterminação serão um dos pontos discutidos. Desde o início das civilizações a noção de predestinação se faz presente. Na mitologia grega haviam as Moiras que através de fios determinavam as vidas tanto de humanos, quanto de deuses, e na mitologia nórdica, de forma muito similar, tinham as Nornas que também teciam o destino dos mortais e imortais. Já o Calvinismo prega que os homens já nascem determinados ou não a alcançar a salvação divina, independente de seus atos terrenos ou desejo de agir. No Catolicismo, a religião mais influente no ocidente e que será a focada no trabalho, a ideia de onisciência de Deus levou a muitos crerem que o rumo da nossa vida é ditado pela vontade do criador, como fica claro em frases que ouvimos ou dizemos cotidianamente para nos sentirmos amparados: “seja o que Deus quiser”, “Deus quis assim”, “Deus escreve certo por linhas tortas”, entre outras.

Passarei também pela demonstração de Durkheim em “*O Suicídio*” de como o sentimento de desligamento do sujeito com as pessoas e a sociedade pode levar a atitudes extremas. Como disse: “(...) qualquer ruptura de equilíbrio impele ao suicídio (...)” (DURKHEIM, 2000, p. 236). Como anestésico a essas “rupturas do equilíbrio” que entra o destino, de forma a consolar os indivíduos afirmando que os acontecimentos só poderiam ocorrer de determinada maneira, aliviando suas consciências da culpa e tendo a capacidade de romantizar uma retribuição futura para o sofrimento de hoje, independentemente de suas atitudes para tal.

Em seguida evidenciarei como a liberdade pode ser aterradora, como Sartre nos explicita. O ser humano está no mundo sem saber porquê ou para que. Como no “*Contrato Social*” de John Locke, em seu livro “Segunda Tratado sobre o Governo”, mesmo nascendo livres em um Estado de Natureza, tomamos rumos de limitar essa liberdade para nossa segurança. Assim é também em nossos dias. A liberdade com que nascemos hoje é assustadora. Nos mais variados extratos sociais é possível se ver exemplos de pessoas que independente da dificuldade que tiveram, através de seu esforço e talvez uma pitada de sorte, conseguiram alcançar postos socialmente considerados os melhores. Assim, o indivíduo e o resto da sociedade não esperam

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: mateusbarretoribeiro@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Humberto Araujo Quaglio de Souza.

menos de si. Desta maneira, apelar à predeterminação é uma saída menos angustiante do que encarar tudo como fruto das suas mãos.

A “*Sociedade do Cansaço*”, de Byung-Chul Han, terá grande valor como prova da perturbação psicológica que a sociedade atual causa em seus indivíduos. A crescente de transtornos mentais e a cobrança constante por desempenho consome a todos nós ao máximo e na falta de consolos a esse martírio, a predestinação aparece mais uma vez como transcendentalismo salvador.

Por último, um contraposto entre esse cenário crente no destino e as ideias de Nietzsche será apresentado. A humanidade está longe do “*super-homem*” e do “*amor-fati*” nietzschiano. Estamos constantemente preocupados com o passado, existindo em um presente dormiente e a única forma que conseguimos aceitar os fardos da vida é transferindo a autoria deles para fenômenos divinos, enquanto esperamos a benevolência destas mesmas forças.

Através destes passos uma conclusão final para a questão enfatizada aqui se fará possível. Todavia, antes será conceituado o entendimento presente aqui de destino/predestinação.

2. CONCEITO DE DESTINO

Em toda a introdução não defini o conceito de destino justamente para evidenciar nossa familiaridade com ele e sua presença em nossas vidas. Ao ler, não se sente falta de uma delimitação de predestinação para entender a relação dos tópicos com o conceito. Isto é mais uma prova de como essa ideia está difundida em nossa sociedade. Apesar disto, agora definirei destino para poder trabalhar em uma linha de raciocínio totalmente estabelecida.

Ao pesquisar destino no site do dicionário online da língua portuguesa moderna Michaelis os dois primeiros significados dados são: primeiro, série de fatos a que supostamente estão sujeitas as pessoas e as coisas do Universo, independentemente da vontade humana (baixel, dita, fado, fortuna, sorte); segundo, conjunto de fatos supostamente considerados fatais que constituem a vida de uma pessoa e que estão fora de seu controle (fatalidade). Tais definições esclarecem qualquer dúvida que pudesse pairar.

Acreditar em destino é acreditar que a sua vida é regida por uma força que transcende suas ações e a existência material humana como um todo. Em nada tem a ver com o acaso, como em certas situações é usual empregarem. Seria uma mão do além que age no mundo regulando vários acontecimentos cruciais de nossa existência. Portanto, a crença no destino tem as mesmas características metafísicas da maioria das religiões: tem uma visão extranatural do mundo e não pode ser provado pelo método científico.

A consequência de tal pensamento é tirar a responsabilidade, instinto de ação e tudo que faz de nós humanos, seres racionais e de consciência. Se somos regidos pelo destino, o que poderia ser dito como obra dele ou nossa? Ou cada ação e ideia que passa por nossas mentes é uma manipulação do destino? Seríamos então apenas marionetes de um ser ou de uma força superior, sem qualquer liberdade e sentido de vida. Seríamos o livro interativo em 3D de um escritor um tanto perverso, considerando o que testemunhamos todos os dias nos jornais. Mas, se essa ideia parece tão má e assustadora assim, por que as pessoas acreditam nela? Começarei agora a responder tão inquietante questionamento.

3. CONFORTO RELIGIOSO

A religiosidade é muito presente na vida humana e com suas diferentes formas e modos tece muito a maneira de pensar e agir dos homens. De rotinas diárias como dizer “*nossa senhora*” ao se levar um susto à conflitos sangrentos como o entre judeus e muçulmanos em Israel, a religião participa nos momentos banais e cruciais da humanidade. Uma rápida reflexão também é capaz de fazer perceber que um dos homens mais famosos e conhecidos da história, quiçá o mais, é Jesus Cristo, alguém totalmente vinculado às crenças transcendentais. Portanto, independente da opinião pessoal de um pesquisador, em seu trabalho científico ele terá que aceitar o valor factual que as crenças tem para a vida como a conhecemos. Aqui não será diferente.

Destino e religião tem uma intrínseca relação. Como dito na introdução deste artigo, os povos nórdicos e gregos tinham sua crença sobre o destino, o que também é identificado em outros povos antigos como mesopotâmicos, egípcios e romanos. A agonia com o futuro se apresenta como uma condição atemporal: o homem sempre tentou desvendar o futuro e o que cabia a si nele. Em seu fracasso de vislumbrar seus passos futuros, restou-lhe entregar suas escolhas e caminho as mãos divinas, para que pudesse assim ter mais paz e sossego consigo mesmo.

A denominação religiosa com maior número de adeptos nos nossos dias é o catolicismo e pode-se ver nele também o reflexo do desejo pelo destino. Embora o livre-arbítrio seja um conceito difundido entre seus fiéis, ainda há uma grande parte que acredita estar justificado pelos ensinamentos cristãos em dizer que Deus traça nosso destino. Contudo, Agostinho de Hipona, filósofo, teólogo e santo para a Igreja Católica, discordará desta visão:

Nós queremos livremente aquilo que queremos. Se o objeto da presciência é a nossa vontade, é essa mesma vontade que se realizará (...). A presciência não me tira este poder, que me pertencerá tanto mais seguramente, quanto mais Aquele que não se engana previu que me pertenceria. (AGOSTINHO, 2008, p. 156)

Segundo Agostinho, a onipotência de Deus de modo algum interfere na liberdade humana. Deus não determina o que vai acontecer, ele apenas tem a presciência do que vai acontecer, não interferindo em nossos atos e escolhas. A seu ver, a divindade máxima dos cristãos somente leu o livro antes de ser lançado, mas não é seu escritor. Seria o mesmo de quem acredita em videntes: este apenas vê seu futuro e lhe diz ele, não o altera ou o determina. Deus da mesma forma vê todo seu futuro, aonde suas escolhas livres o irão levar, é capaz disso porque é onisciente e onipresente, está além do tempo e do espaço segundo os ensinamentos da Igreja de Cristo, sua única diferença para os supostos humanos com clarividência é que ele não irá te contar o que acontecerá amanhã ou daqui dez anos em sua vida.

Deus não interferiria em algo que nos deu, segundo a Bíblia, como grande presente que é o livre-arbítrio. Se ele é perfeito e nosso pai, portanto pai perfeito, não há como pensar que o melhor pai de todos faria uma lavagem cerebral no filho para que obedecesse e seguisse a vida que seu progenitor quisesse. Isso vai contra todas as pregações presentes na Igreja Católica Apostólica Romana que dizem que Deus é amor. Que amor seria esse que controla indiscriminadamente tudo a seu bel-prazer? Todas as desgraças que acontecem na humanidade seriam então fruto do desejo superior de Deus para nosso destino? Uma criança que nasce sem poder andar também o seria? É um tanto insustentável defender que Deus determina os rumos de nossa existência através dos preceitos cristãos.

Independente de tudo isso, a ideia de destino se entrelaçou em muito na doutrina cristã. A própria ideia de que Deus interfere constantemente em nossa vida faz parte disso. Todos os dias milhões de pessoas oram pela ajuda de Deus, pedem milagres, que toque suas existências, que as transforme. Em outros casos reafirmam sua fé dizendo que Deus fará o melhor para suas vidas, que ele sabe o que faz e sua providência não tardará. A principal oração dos crentes em Cristo é o *"Pai Nosso"* e nela mesma notamos as marcas destas ideias quando é dito *"dá-nos hoje o nosso pão de cada dia"*. Em todo momento vemos resquícios da ideia de que Deus interfere e determina nossas vidas, indo contra o princípio do próprio cristianismo que narra que fomos criados a sua imagem para disfrutarmos do presente maior que é a vida, sua criação perfeita, que, portanto, deveria ser capaz de viver plenamente e crescer física e espiritualmente sem sua interferência direta. Se segundo a teologia católica essa vida terrena é como um teste ou um processo de aprendizado e purificação, não faz sentido o professor, que é Deus, resolver os problemas de seus alunos, que somos nós. Assim nenhuma lição seria verdadeiramente aprendida pela nossa capacidade. Somos independentes e livres, não marionetes.

Logo deve-se chegar a uma indagação: por que tudo isso então? Por que inserir e se apegar tanto a esse destino e interferência divina diária? A resposta é que o oposto disso é solitário e perigoso. Acreditar que Deus está presente para nos ajudar a qualquer momento é de grande importância para as pessoas não se sentirem sozinhas e desamparadas no mundo, especialmente hoje, em que a sociedade ao mesmo tempo que encurta a distância objetiva entre os indivíduos, expande a distância realmente pessoal entre eles. Vivemos numa selva de pedra em que todos ao seu redor não são nada além de competidores. As relações em sua maioria não são pelo prazer ou pela alegria, mas por metas, visam a promoção apenas de si. Desempenho e lucro são as palavras do milênio. São relações profissionais, relações de trabalho. É simples compreender

porque personificar Deus como um amigo de máxima confiança e boa vontade para ajudar cada um em seu tombo é uma atitude popular nos tempos dos transtornos psicológicos.

Melhor ainda do que Deus te dar uma mãozinha quando fraqueja, é acreditar que até suas quedas são planos divinos para sua bem-aventurança já determinada por ele antes do seu nascer. Este caso vai muito além do oposto a Sartre: aqui não só a essência precede a existência, mas também a sua história e de certa forma até seu ser precedem o existir. A vida assim se livra da angústia do incerto. Tudo já está escrito, não há como mudar e mesmo que não saiba o que virá, a confiança no Deus que te ama ajuda a enfrentar qualquer medo. Não há nada que o ser humano busque mais do que isso, daí o destino ter se encaixado tão bem nas religiões, que por sua vez foram um trampolim para a popularização do conceito de predestinação.

Algo que demonstra muito bem o status de estrela pop que o destino tem até hoje são os signos. Estão presentes em nossa rotina cotidiana, nos jornais, em programas de TV, redes sociais. Supostamente preveem nossas características de personalidade e o que irá acontecer em nosso dia, semana ou até ano, com base na posição dos corpos espaciais. Mesmo não tendo qualquer comprovação científica, os horóscopos tem uma legião gigantesca de seguidores. É muito comum encontrar o signo da pessoa na área reservada a sua descrição em aplicativos de relacionamento e perfis nas redes sociais. Nossa incerteza em dizermos até quem somos também é resolvida por essa máscara do destino. A frase “sou de gêmeos” resolve problemas que tenho para reconhecer a mim mesmo. O desejo compulsório nos leva a crença no destino para nos livrarmos da vagueza apavorante da vida.

4. DESLIGAMENTO SOCIAL

Todo mundo já ouviu ao menos uma vez que somos seres sociais. Não obstante, normalmente não se analisa a fundo as consequências disto. “O Suicídio” de Émile Durkheim vai muito a fundo nas implicações deste nosso estado de ser e o quão perigo é se afastar dele. Irei expor agora a relação de integração social e destino.

O sociólogo francês delimitou alguns grupos para diferenciar tipos de suicídio. O de interesse aqui será o chamado “*suicídio egoísta*”. Quando o indivíduo não se sente pertencente a sociedade, quando não desenvolve laços com outros, quando está deslocado e sozinho e por estas razões perde o sentido na vida a ponto de tirá-la, então aí se configura um “*suicídio egoísta*”, onde o ser social passa a ser somente individual. A falta de agregamento social leva o indivíduo a ceifar a própria existência: “(...)o suicídio varia na razão inversa do grau de integração dos grupos sociais de que o indivíduo faz parte.” (DURKHEIM, 2000, p. 258). Estudos detalhados e específicos sobre a comunidade humana permitiram essa afirmação, como será trabalhado agora.

O primeiro estudo de caso feito por Durkheim é sobre as comunidades religiosas. O livro publicado em 1897 apresenta os dados de suicídios dos últimos anos e é constatado que o grupo religioso com mais suicídios é o protestante e o com menos o judeu, seguido pelo católico, tendo alguma variação entre esses dois últimos. Abaixo o quadro extraído do livro com as informações:

Imagem 1 - Suicídios religiosos

*Suicídios nos diferentes países
por um milhão de indivíduos de cada confissão*

		Protestantes	Católicos	Judeus	Nomes dos observadores
Áustria.....	(1852-59)	79,5	51,3	20,7	Wagner
	(1849-55)	159,9	49,6	46,4	Id.
Prússia	(1869-72)	187	69	96	Morselli
	(1890)	240	100	180	Prinzing
	(1852-62)	139	117	87	Legoyt
Baden	(1870-74)	171	136,7	124	Morselli
	(1878-88)	242	170	210	Prinzing
	(1844-56)	135,4	49,1	105,9	Morselli
Baviera	(1884-91)	224	94	193	Prinzing
	(1846-60)	113,5	77,9	65,6	Wagner
	(1873-76)	190	120	60	Nós
Württemberg ..	(1881-90)	170	119	142	Id.

Fonte: Durkheim, 2000, p. 181

Segundo o sociólogo, a razão para a predominância do suicídio em um grupo e não no outro é a força da conjuntura social deste. Nos países que analisou, o protestantismo geralmente era maioria, seguido pelo cristianismo e tendo os judeus como minoria. Contudo, a união comunitária de uma religião não se dá exatamente pelo baixo número de fiéis, mas sim pelas consequências vindas disto. A inferioridade numérica pede uma conjuntura social muito mais forte para resistir à pressão, perseguição e violência que toda a história humana comprova como real e até hoje inevitável do grupo majoritário sobre a minoria que lhe é diferente. É essa adesão social que ampara e inibe o índice de suicídio. Sentir que pertence a algo, que não está sozinho, ter um meio no qual sinta um sentido na vida, são os resultados de se realmente viver em comunidade e essa conexão, muito mais do que diferenças doutrinárias e morais, que fazem uma religião mais preventiva que outra em relação ao suicídio. Como escreve Durkheim:

Portanto, não é a natureza especial das concepções religiosas que se deve a influência benéfica da religião. Se ela protege o homem contra o desejo de se destruir, não é por lhe pregar, com argumentos *sui generis*, o respeito por sua pessoa; é por ela ser uma sociedade. O que constitui essa sociedade é a existência de um certo número de crenças e de práticas, tradicionais e por conseguinte obrigatórias, comuns a todos os fiéis. Quanto mais numerosas e importantes essas situações coletivas, mais a comunidade religiosa é fortemente integrada; maior também é a sua virtude de preservação. O detalhe dos dogmas e dos ritos é secundário. O essencial é que eles sejam de tal natureza que alimentem uma vida coletiva de intensidade suficiente. (DURKHEIM, 2000, p. 203).

A importância que as ligações tem para a prevenção do suicídio vai além da religião. A questão familiar e a política também são destrinchadas na obra durkheimiana e o resultado final é análogo ao da comunidade religiosa. Quanto maior o número de indivíduos pertencentes a uma sociedade doméstica, menos chances eles terão de cometer suicídio, graças ao grande valor emotivo, de obrigação e de pertencimento que o seio familiar gera. Exceto nos casamentos precoces, os solteiros são maioria nos suicídios e os casados tem maior preservação que os viúvos também. O laço com uma pessoa é o mesmo que um laço com a sua própria vida, como demonstra os dados de Durkheim:

Imagem 2 - Suicídios por estado civil

GRÃO-DUCADO DE OLDEMBURGO
*Suicídios cometidos em cada sexo por 10.000 habitantes
de cada grupo de idade e de estado civil, durante
a totalidade do período 1871-85⁸*

Idades	Solteiros	Casados	Viúvos	Coeficiente de preservação dos		
				Casados		Viúvos
				Com relação aos solteiros	Com relação aos viúvos	Com relação aos solteiros
<i>Homens</i>						
De 0 a 20	7,2	769,2		0,09		
De 20 a 30	70,6	49,0	285,7	1,40	5,8	0,24
De 30 a 40	130,4	73,6	76,9	1,77	1,04	1,69
De 40 a 50	188,8	95,0	285,7	1,97	3,01	0,66
De 50 a 60	263,6	137,8	271,4	1,90	1,90	0,97
De 60 a 70	242,8	148,3	304,7	1,63	2,05	0,79
Acima	266,6	114,2	259,0	2,30	2,26	1,02
<i>Mulheres</i>						
De 0 a 20	3,9	95,2		0,04		
De 20 a 30	39,0	17,4		2,24		
De 30 a 40	32,3	16,8	30,0	1,92	1,78	1,07
De 40 a 50	52,9	18,6	68,1	2,85	3,66	0,77
De 50 a 60	66,6	31,1	50,0	2,14	1,60	1,33
De 60 a 70	62,5	37,2	55,8	1,68	1,50	1,12
Acima		120	91,4		1,31	

FRANÇA (1889-91)
*Suicídios cometidos por 1.000 habitantes de cada
grupo de idade e de estado civil
– Média anual*

Idades	Solteiros	Casados	Viúvos	Coeficiente de preservação dos		
				Casados		Viúvos
				Com relação aos solteiros	Com relação aos viúvos	Com relação aos solteiros
<i>Homens</i>						
15-20	113	500		0,22		
20-25	237	97	142	2,40	1,45	1,66
25-30	394	122	412	3,20	3,37	0,95
30-40	627	226	560	2,77	2,47	1,12
40-50	975	340	721	2,86	2,12	1,35
50-60	1.434	520	979	2,75	1,88	1,46
60-70	1.768	635	1.166	2,78	1,83	1,51
70-80	1.983	704	1.288	2,81	1,82	1,54
Acima	1.571	770	1.154	2,04	1,49	1,36
<i>Mulheres</i>						
15-20	79,4	33	333	2,39	10	0,23
20-25	106	53	66	2,00	1,05	1,60
25-30	151	68	178	2,22	2,61	0,84
30-40	126	82	205	1,53	2,50	0,61
40-50	171	106	168	1,61	1,58	1,01
50-60	204	151	199	1,35	1,31	1,02
60-70	189	158	257	1,19	1,62	0,77
70-80	206	209	248	0,98	1,18	0,83
Acima	176	110	240	1,60	2,18	0,79

Fonte: Durkheim, 2000, p. 214 e 215

Já a sociedade política previne o suicídio sobretudo em momentos de comoção geral, como distúrbios políticos e grandes guerras, em que a paixão do povo é exaltada em nome da defesa patriótica de seu país ou do que acredita ser melhor para suas vidas, promovendo uniões para fins comuns. Se sentir pertencente há algo maior que si é de suma importância para a existência humana e é o que esses momentos geram no coração das pessoas. Desta forma, em "O Suicídio" se aborda a crise que se estendeu pela Europa durante 1848 e 1849 para evidenciar o resultado apaziguador nas taxas de suicídio:

Imagem 3 - Suicídios em estados com crises

	Dinamarca	Prússia	Baviera	Saxônia Real	Áustria
1847	345	1.852	217		611 (em 1846)
1848	305	1.649	215	398	
1849	337	1.527	189	328	452

Fonte: Durkheim, 2000, p. 251

Logo, em todos os casos um desgarramento social e a perda de sentido na vida levam ao suicídio e, logicamente, situações que causem ao sujeito uma sensação de pertencimento, esperança e segurança são os remédios. Agora podem se perguntar: o que isso tem a ver com destino? A resposta é que tem tudo a ver. O destino produz os mesmos efeitos pretendidos por aqueles em desespero com o mundo e deslocados socialmente. O sentimento de pertencer a algo maior, da sua vida ter um propósito do qual não pode fugir, de que há uma força ou ser cósmico que dita a vida para uma razão, que ama suas criaturas. Ter a esperança a partir disso que o destino vai lhe proporcionar coisas boas no futuro em forma de recompensa dos sofrimentos presentes, pois a lei da troca tem muita presença no âmago deste pensamento. Por último, a independência da história e da vida em relação a nossos atos nos dão a segurança de estarem em mãos melhores e que, portanto, se não há nada que possamos fazer, nossa preocupação é algo superficial e desnecessário, nos permitindo no fim fugir até da responsabilidade por nossos erros.

O destino nos faz pertencer ao teatro da vida. Por menor que seja o papel, até um figurante faz total diferença para o arranjo quase místico de uma peça e assim o homem leva sua vida. Temos que acreditar que somos especiais, que temos um propósito maior, então acreditamos, mesmo sem provas. Por isso, o número de suicídio não é tão alto quanto as intenções para este. Os que conseguem acreditar e se agarrar nestes preceitos de destino sobrevivem. Acreditar que “somos destinados a viver”, como dizem. Sendo assim, a predestinação passa a ser quase uma companheira, com a qual se desabafa e se culpa: “tinha que ser assim”, “foi culpa do destino”, “é meu destino”. Essa transferência da culpa aliena para as consequências que as próprias ações do sujeito provocam, mas causa um alívio na angústia de ser o culpado por tudo que acontece, por todas as decisões ruins suas e dos ao seu redor.

Não interessa o quanto você se ache uma pessoa inapta e cheia de defeitos incapaz de viver em harmonia e feliz com a sociedade ou sequer com uma pessoa, enquanto acreditar que o futuro é escrito não por suas mãos e sim por um “escritor universal”, pela boa vontade deste você pode conseguir tudo, basta permanecer vivo. Uma das razões para se acreditar no destino é essa, sua capacidade de ocupar o lugar deixado pela ausência de agregação social, nos deixando certos de que somos engrenagens de uma ordem cósmica que pode rumar um dia para uma melhora em nossa vida, independente das nossas atividades. Na ausência de pessoas, esta é a companhia que nos sobra.

5. LIBERDADE ANGUSTIANTE

A luta pela liberdade é uma constante da sociedade humana. A batalha dos cristãos pelo direito de crença na Roma antiga, todos os movimentos de independência contra o colonialismo, os ideais Iluministas, embates raciais e de gênero. Todas essas ações que ditaram grandes mudanças em nossa história têm como fim isto: o direito de escolher, a liberdade para ser quem quiser ser, sem repressão e dominação. Até a participação de vários países na Segunda Guerra Mundial foi justificada como um ato de defesa ao mundo livre. Hoje, graças a pessoas como Martin Luther King Jr. e Nelson Mandela, podemos dizer sim que vivemos em um mundo mais livre (claro que ainda há muitas melhorias a serem feitas, mas a evolução é inegável). No entanto, como diria Isaac Newton, toda ação tem uma reação e não foi diferente com o processo de crescimento da liberdade.

A liberdade nos engoliu e isso assusta. Um jovem no terceiro ano do ensino médio é virtualmente capaz de conseguir ingressar em qualquer curso de ensino superior, tudo depende de sua capacidade e dedicação sobretudo. Isso é o que diz inadvertidamente a sociedade, ao menos seus extratos mais elevados, que são os formuladores das cobranças e “verdades”, que escorrem do topo da pirâmide grudando em todo o resto até a

base. É difícil definir o quão aterrador é passar por essa situação. Luta-se incessantemente contra a repressão, mas esqueceu-se da pressão. Vivemos pressionados a cumprir diversas expectativas sem de fato sabermos o que é possível ou não, bom ou mau, certo ou errado, por que quem seria capaz de delimitar concretamente essas questões tão subjetivas e diárias? As pessoas lidam com suas escolhas dia após dia às cegas. Somos livres para escolher, mas nos sufocamos nas opções e variações, já que no fim as consequências e as responsabilidades cairão somente sobre nós e não há como fugir disso. Essa é a angústia descrita por Sartre; essa é nossa condenação a sermos livres:

A realidade-humana é livre porque não é o bastante, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será. E, por fim, porque seu próprio ser presente é nadição na forma do 'reflexo-refletidor'. O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser. (SARTRE, 1998, p. 545).

Na filosofia sartreana a existência precede a essência, ou seja, somos primeiramente o "nada", um vazio indeterminado que através da vida busca se preencher por meio das ações. Todavia, a falta de fundamento da existência torna tal atividade desesperadora. Você se declara para sua amiga que está apaixonado por ela sem saber em que grau será correspondido ou não? Corre o risco de elevar o relacionamento de vocês a um patamar que o deixará mais feliz? Arriscaria perder a amizade dela e tudo que já tem para isso? O que é o certo a se fazer nessa situação? O que seria o melhor? Ninguém sabe, depende, quiçá nem exista. Não é questão de valor, é questão de escolha. Tudo depende de qual decisão irá tomar e nós não somos videntes para sabermos previamente os resultados. Para lidar com essa desolação da existência, muitas pessoas se valem da "má-fé", que para o filósofo francês é basicamente transferir a culpa e a responsabilidade que é do indivíduo para outra esfera, fora dele. Um destes "culpados" que o sujeito apavorado pela responsabilidade encontra é o destino. Se o rapaz decidir não se declarar e anos mais tarde descobrir que teria sido correspondido naquela época, com a possibilidade de ter tido uma bela história de amor, é muito mais conveniente para ele pensar que ter ficado calado foi obra do destino e não resultado dos seus medos e escolhas. Esta atitude é de "má-fé".

Não se trata, pois, de expulsar a angústia da consciência ou constituir-la em fenômeno psíquico inconsciente; simplesmente, posso ficar de má-fé na apreensão da angústia que sou, e esta má-fé, destinada a preencher o nada que sou na minha relação comigo mesmo, implica precisamente esse nada que ela suprime. (SARTRE, 1998, p. 89).

O destino tira as rédeas da vida das mãos humanas. Nossa espécie que tanto lutou pelo direito à liberdade e em muito é singular por nossa capacidade de espírito livre, também sente o peso desse fardo e procura criar grilhões para fugir dessa condição. A liberdade é tão intrínseca a nós que a próxima coisa que desejamos nos ver livres é dela própria, por mais estranho que isso possa soar: ansiamos por sermos livres da liberdade. A humanidade percorre um caminho contínuo de troca de liberdade por segurança em resposta a isso. A segurança acalenta, aquece. A liberdade aflige, pressiona. O determinismo nos deixa seguros de que nossa vida não poderia ter sido de outra maneira, o que houve de bom ou ruim, não poderia ser mudado, já estava escrito aquém de nossa vontade e capacidade de escolha. Como isso é tranquilizador! Isso nos permite blasfemar nosso destino e quem o definiu, pode nos deixar irados e tristes, mas nunca tão angustiados como quando admitimos a culpa pelas coisas não terem ido melhor.

A possibilidade é a perturbação presente na condição livre. Ser possível ser feliz, ser possível ter saúde, ser possível ser rico, ser possível ser amado. Esta possibilidade, que depende do sujeito como fator central, é o que tira a paz. De outra maneira, quando se crê que é o destino quem manda, não adianta lutar ou ter esperança, como se costuma ouvir: "o que tiver de ser, será". Neste caso, já é só aceitação, não há mais a ansiedade da opção. Por que as pessoas ficam mais ansiosas para o resultado do ENEM ou um vestibular do que para o resultado do jogo que fizeram na Mega-Sena acumulada em milhões? Levando em conta que um dos principais motivos que leva alguém a ingressar no ensino superior é a possibilidade profissional que este dá para elevar a qualidade da vida econômica, ganhar na Mega-Sena mais que resolveria este problema, abrindo até mais portas para facilitar a sua conquista da faculdade para um fim pessoal. Assim, aparentemente não faz sentido focarmos nossa atenção e angústia mais no vestibular. Todavia, a questão não é tão simples e toca justamente o problema da possibilidade e escolhas que estão sendo tratadas aqui. Por mais difícil que seja o

processo seletivo acadêmico que esteja participando, há muito mais probabilidade de chance de passar nele do que em um sorteio em que milhões de pessoas do Brasil participam, matematicamente falando. À vista disso, a possibilidade é muito menor e, proporcionalmente, a angústia também. Não ganhar na Mega-Sena é o comum e já esperado, não há a mesma cobrança de passar na prova na qual se investiu tempo e dinheiro. Além disso, o sorteio era uma questão de sorte, que estava além do domínio, já a aprovação ou não no vestibular são o resultado das ações e escolhas, algo que poderia mudar e que só dependia do participante. Eis a fórmula angustiante da liberdade: nossas ações interferem na probabilidade de algo acontecer como queremos ou não; quanto maior a probabilidade, maior a pressão; e quanto maior a pressão, maior a angústia. Logo, repito, o homem é condenado a liberdade: “condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.” (SARTRE, 1973, p. 15).

Com todas as complicações da possibilidade de optar entre X ou Y, fica fácil entender porque as pessoas ainda se apegam a ideia de destino. A determinação cósmica tira de nós a angústia de que nossas escolhas alteram os resultados, pois já há apenas um resultado; a possibilidade é apenas uma ilusão. Logo, a predestinação ganha força para fugirmos da nossa insegurança em sermos livres e, automaticamente, para fugirmos de quem somos, pois nosso estado de ser exige muita responsabilidade e controle pessoal, pois do mundo, não temos nenhum:

[...] Como vimos, para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tão pouco de dentro, que ele possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonado, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, ser nada do ser. Se começássemos por conceder o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchemos a borda. O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é. (SARTRE, 1998, p. 545).

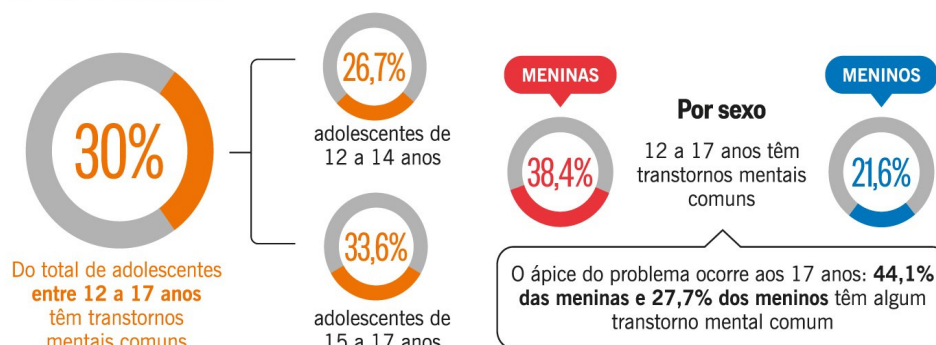
6. PSICOLÓGICO DO “DESEMPENHO”

Os números de transtornos psicológicos explodiram após meados do século XX e até hoje não pararam de crescer. É provável que todos conheçam alguém que já tenha passado por problemas com ansiedade ou depressão. Segundo o levantamento da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2015 haviam 322 milhões de pessoas em todo o mundo que viviam com esse transtorno mental, ou seja, 4,4% dos seres humanos, em maioria mulheres. O crescimento foi 18,4% desde 2005. No Brasil, tinha 11,5 milhões destas pessoas, o correspondente a 5,8% da população nacional, o que faz do nosso país o maior com prevalência em depressão na América Latina, o segundo das Américas e o quinto do mundo.

Ainda se encontrava em terras brasileiras 18,6 milhões de indivíduos com distúrbios relacionados a ansiedade, o que representava 9,3% do país, de um total global de 264 milhões de indivíduos, correspondendo a 3,6% de toda a humanidade. Chegando assim, a um aumento de 14,9% no globo entre 2005 e 2015. Esses números fizeram da nossa nação a líder mundial em ansiedade.

Imagem 4 – Ansiedade na adolescência

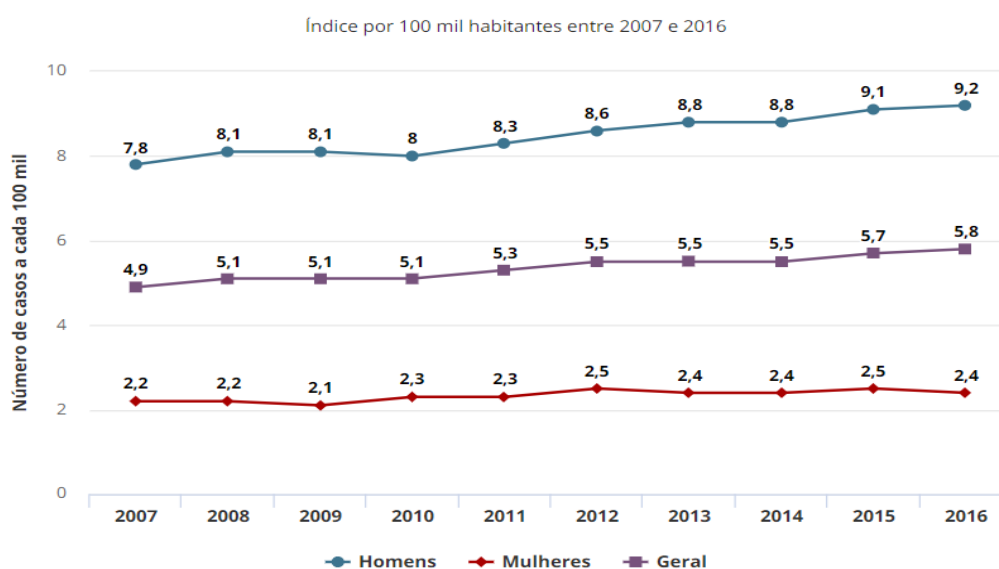
MENTES ANSIOSAS



Fonte: Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes (Erica)

Complementando aqui a questão de suicídio que abordei ao falar sobre Durkheim e o deslocamento social, segundo outro estudo da OMS lançado em 2016, por ano quase 800 mil pessoas cometem suicídio, sendo a segunda maior causa de morte entre os 15 e 29 anos. A cada 40 segundos alguém se suicida no planeta. Considerando que você tenha gasto 20 minutos para ler até este ponto do artigo, segundo as estimativas, 30 pessoas se suicidaram neste meio tempo. Conforme os dados, 80% destas mortes se deram em países de renda baixa e média. No Brasil, de 2007 a 2016, segundo informações divulgadas pelo Ministério da Saúde, 106.374 foram a óbito devido o suicídio. Especificamente em 2016, a taxa foi de 5,8 por 100 mil habitantes, um total de 11.433 pessoas, tendo um aumento de 2,28% para o número de 11.178 brasileiros que haviam tirado a própria vida em 2015, constituindo a quarta maior causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos em nossa pátria. A cada 46 minutos, um brasileiro se sente tão em desespero que é capaz de tirar a vida de si mesmo, ou seja, cerca de 31 pessoas ao dia. Contudo, a realidade pode ser bem pior, já que o Ministério da Saúde acredita que esses números podem ser 20% maior do que apresenta a pesquisa, devido à dificuldade de se identificar certos casos como parte deste grupo ou não. Os indígenas e as regiões Norte e Nordeste tem taxas chamativas.

Imagem 5 – Taxa de mortalidade por suicídio no Brasil



Fonte: Ministério da Saúde

Para aqueles que não se importam muito com o que se passa com os outros (e possivelmente consigo mesmo em algum tempo) e para alguns economistas de hoje que parecem achar que seu campo de trabalho gira em torno apenas do capital bruto em si, sem levar em conta o fator humano e suas consequências, aqui vai outra pesquisa publicada na revista Lancet. Nela 28 cientistas, entre eles Vikram Patel, professor de medicina em Harvard, estimaram a partir de dados do Banco Mundial que a falta de políticas dedicadas a área de saúde

mental pode custar US\$ 16 trilhões à economia global entre 2010 e 2030. O desleixo com o bem-estar da população em nome de um burro e momentâneo relaxamento financeiro sempre custa caro aos governos e, no fim, a conta volta indevidamente para que o povo a pague, como se fosse o devedor, quando na verdade é o credor. O gasto repentino e sem preparo que terá que se empenhar com a assistência médica e social e principalmente a queda na produtividade do trabalho das pessoas produzirá um grande baque nas finanças de todos os países. Tudo isso como reflexo do preconceito e negligência com que os transtornos psicológicos são vistos e tratados. Ainda que, segundo pesquisas da Universidade de Harvard, das dez doenças mais incapacitantes do mundo, cinco sejam de origem psiquiátrica (depressão, transtorno afetivo bipolar, alcoolismo, esquizofrenia e transtorno obsessivo-compulsivo), é preocupante notar como estas são deixadas de lado, como se fossem algo sem significado ou até uma frescura.

A angústia da existência humana e a solidão, temas já tratados aqui, são algumas das condições que explicam o alto número dos transtornos mentais. Contudo, segundo o filósofo Byung-Chul Han, a principal causa desse crescimento exorbitante das patologias psicológicas atualmente é a configuração da nossa sociedade, a que ele dá o nome de “*sociedade do desempenho*”, o que acaba por gerar como efeito uma “*Sociedade do Cansaço*”, assunto tratado em seu livro homônimo. De acordo com o pensador nascido na Coreia do Sul, a cobrança que a sociedade capitalista faz sobre o indivíduo em busca de um constante e maior desempenho é o que adoce a população: “o que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a *pressão de desempenho*.” (HAN, 2017, p. 27). Indo além de Sartre, é possível se pensar que a liberdade em si realmente não deveria ser algo desfavorável. Todavia, a questão é essa, não somos inteiramente livres: deixamos que influências interfiram em nossas escolhas. Somos livres para as escolhas ao longo do caminho, mas a sociedade predetermina uma linha de chegada para a qual devemos correr. A maioria das pessoas ficam presas a isso. Esta linha de chegada é o sucesso financeiro e social; em palavras mais grossas, ter muito dinheiro e ser famoso. Esse é o sonho que foi vendido para nós a cada dia, através de programas de TV, propagandas e relatos dos bem-sucedidos, que deixam visíveis as diferenças de privilégios e benefícios entre classes, levando-nos a sempre sonhar em pertencer a mais favorecida. Assim, a classe média e baixa comprou o sonho da ascensão capitalista a todo custo, levando de brinde o método para isso: trabalho, incessante e sem descanso, visando o máximo desempenho possível. Porque tudo podemos, dizem os que tem o poder: “O ‘*poder*’ ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação ‘*Yes, we can*’ expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade do desempenho.” (HAN, 2017, p. 24).

Por conseguinte, pesa somente sobre os ombros do indivíduo toda culpa caso fracasse na conquista das suas metas e em suas mãos tudo que precisa para efetuar o contrário. A depressão vinda da primeira e a ansiedade da segunda ficam claras a qualquer um. O mundo social em que vivemos cobra ao máximo de nós, não esperando nada menos que a perfeição, pronto para julgar e apontar todas as falhas. O faz de forma tão brilhante, que, após estarmos inseridos nessa organização, fazemos todos os papéis ditos anteriormente por nós mesmos. Perdemos nossa capacidade subjetiva e nos transformamos apenas em acusador, júri e juiz social de nós mesmos:

A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à *liberdade coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo explorado. (HAN, 2017, p. 29 -30)

Esse estado do mundo leva o ser humano ao seu limite. Visto que tal ideia da conquista por simples desempenho (que no caso seria o mesmo de trabalho) é uma ilusão criada para manter as massas em seu devido lugar, a partir desse método raramente alguém ascende das bases escusas da sociedade para o topo dourado e brilhante da pirâmide, logo, pela culpa em seu fracasso individual, o psicológico do sujeito entra em colapso:

A lamúria do indivíduo depressivo de que *nada é possível* só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível*. Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento

de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma. (HAN, 2017, p. 29)

Com toda esta idolatria a positividade e rejeição da negatividade, a dialética de Hegel da passagem para a síntese através de uma tese e uma antítese se mostra muito difícil. Tendo a impossibilidade de uma reflexão mais apurada e inovadora, mesmo com a rejeição que a metafísica e tudo que não pode ser provado cientificamente sofre nesses tempos positivos, as pessoas voltam a se agarrar a algum destes princípios mais mecânicos e não meramente racionais. É desta maneira que mais uma vez o predeterminismo se apresenta como uma saída de maior aconchego para os sentimentos humanos. Acreditar que o erro não foi seu, que as coisas tinham de ser assim, alivia boa parte da pressão psicológica. Posto isso, as pessoas continuam com suas vidas sem mudar nada, de forma análoga as tragédias gregas, como “*Antígona*” de Sófocles, em que por mais que o destino fosse anunciado, nada se fazia para mudá-lo, apenas aceitava-se como uma decisão divina além das capacidades de intervenção humana. O destino alivia o sofrimento do indivíduo, mas em nada influencia o corpo da sociedade, já que essa é dotada de uma transparência capaz de mostrar tudo como de fato é, sem espaços para mudanças ou novas criações, sobretudo as de fundo reflexivo, como explica Han em um outro livro seu chamado de “*Sociedade da Transparência*”:

A coerção por transparência estabiliza o sistema existente de maneira bastante efetiva. Em si a transparência é positiva. Dentro dela não se encontra qualquer negatividade que pudesse colocar em questão o sistema político-econômico vigente; ela está cega em relação ao lado exterior do sistema; simplesmente confirma e otimiza o que já existe. (HAN, 2017, p. 23 -24)

O destino é passivo à ordem social vigente, servindo apenas como anestésico para o sujeito, de forma a que esse seja capaz de manter sua vida, o que é de interesse também para a classe dominadora, motivo pelo qual a cultura do determinismo se faz presente na grande mídia até hoje. Para enfrentar a depressão nos apegamos a ideia de que o que estamos passando tem um propósito, como uma provação para nos fortalecer. Em um mundo que nos culpa por tudo, não há outra escolha que não seja passar essa culpa para a frente. Isso ajuda a diminuir a ansiedade antes de uma entrevista de emprego: “se o emprego tiver de ser meu, será”. O fracasso perde o caráter pessoal e transcende para uma ordem cósmica preestabelecida. Todo mundo em algum momento da vida já se valeu do destino para se livrar de alguma culpa. Na situação presente, com uma sociedade que nos pressiona tanto a ponto de fazer surgir tamanho número de transtornos psiquiátricos, não é de se estranhar que cada vez mais tentemos escapar montando na garupa da predestinação.

7. INDEPENDÊNCIA DO SER

Após todos esses levantamentos e análises é possível chegar-se a conclusões acerca do porquê as pessoas creem em destino. Seja por motivos religiosos, por isolamento social, pela angústia da liberdade ou pela cobrança de desempenho, a base comum que leva o ser humano a se apegar ao determinismo da vida é a procura por uma base mais sólida para a sua existência e a fuga da culpa por seu estado de ser presente.

Vivemos em uma absoluta insegurança. O homem não foi capaz ainda nem de entender completamente como se deu sua origem, quicá se ela teve um propósito ou se foi pura obra do acaso sem motivo maior. Por mais que a Teoria do *Big Bang* seja reconhecida e aceita pela maioria, ela não é capaz de dizer nada sobre o que havia antes da grande expansão. É difícil para nós concebermos o nada, a ausência de tempo e espaço. Entretanto, é tudo que se tem a oferecer. Não é possível saber se há uma entidade que foi a orquestradora da criação universal como as religiões pregam, ainda assim, pelas mesmas razões do destino, há milhões de pessoas que se agarram a isso para tentar ver um sentido e uma proteção na vida.

No fim das contas, não somos muito diferentes daquelas figuras ficcionais clássicas que criamos. É rotineiro na cultura pop encontrarmos histórias de alienígenas, monstros ou, de forma mais simples, pessoas que perderam suas memórias e estão completamente perdidas de si e do mundo. A própria história do Superman: uma criança que descobre ser de outro planeta vivendo em um mundo no qual é único, sem saber nada sobre sua origem e sobre o que deve fazer com seus incontáveis dons. Esse é apenas um reflexo do ser humano. Também nós estamos em um mundo no qual muitas vezes sentimos que ninguém pode nos entender, sem saber o motivo de nossa existência e tendo que lidar com tudo isso através de nossas escolhas e atos, que

podem gerar feitos tão extremos quanto a força do Homem de Aço. E assim como a fraqueza do herói é a *kryptonita*, um mineral do que restou de seu planeta, de sua origem, o nosso maior ponto fraco também é o vazio, o nada, que vem da nossa origem, sempre voltando para nos atormentar.

Crer no destino é uma maneira fácil de se dar sentido à vida e aceitar todos esses contrapontos ao longo da caminhada. Contudo, é uma aceitar negativo, que aliena o ser para o poder de suas próprias ações e da importância da vida. É tirar a responsabilidade e a força de mudança de si e transferir a outro, abnegando o presente (que é onde a vida de fato acontece) por uma falsa esperança de milagres futuros que concertaram tudo como mágica, sem que o indivíduo tenha que enfrentar nada. Recuar e se esconder não é enfrentar, é fugir. Quem crê no destino foge da vida, foge de si mesmo, de encarar as coisas como elas são e sobre o que pode ser feito para melhorá-las. Com nossas mãos! Acreditar que os passos de nossa existência são predeterminados não passa de uma muleta para nossas fraquezas. Sim, somos seres com várias fraquezas, sobretudo psicológicas, que são também a nossa singularidade. Somos a única espécie capaz de refletir o mundo subjetivamente, levando em conta moral, sentimentos e opiniões, indo além da prática e da objetividade. E é através dessas mesmas facetas unicamente humanas que podemos alcançar a força e a vitória, integrando teoria e prática (como em outra esfera enfatizava o marxista Antonio Gramsci em seus escritos). O filósofo prussiano Friedrich Nietzsche ofereceu um caminho para pararmos apenas de sonhar e começarmos a por nossos desejos em prática; deixarmos o lamento pelo o que aconteceu de lado e focarmos no que podemos fazer a partir do que aconteceu. Não à toa que o filósofo se popularizou entre os jovens de hoje, com suas ideias que os ajudam a lidar com a fluidez da nossa modernidade líquida, como diria Zygmunt Bauman em sua obra “Modernidade Líquida”.

Para Nietzsche, o crescimento do homem se dará por meio do “*amor fati*”, expressão em latim, que traduzida seria algo como “*amor ao destino*”. Neste momento, é possível se indagarem como o “*amor ao destino*” é uma elevação ao destino como foi tratado e apontado aqui. Porém, apesar da relação morfológica, a semântica de “*amor fati*” e destino como entendido aqui são muito diferentes. A expressão do pensador nascido na antiga Prússia propõe que aceitemos a vida como ela é e digamos “*sim*” a ela. Esse aceitar não é passivo como o do destino, mas um aceitar no sentido de entender que não podemos mudar certos acontecimentos e que toda gama de sentimentos negativos faz parte da vida, e a partir disso procurar formas de ação positivas que valorizem nossa existência. Não adianta apenas reclamar ou esperar por clemência; chorar não vai mudar nada. Se não gosta dos rumos da sua vida, segure firme nas rédeas e a guie para onde quiser. O passado não pode ser mudado, o futuro não está ao nosso alcance, só temos o presente para agir e transformar. Como já dito, é nele que a vida ocorre de fato. Saber aceitar que seu pai morreu de câncer, que seu filho nasceu com autismo ou que você nasceu em uma zona pobre, de forma alguma é um conformismo passivo, mas sim uma atitude forte, sábia e necessária, através da qual que mudanças podem ser feitas. Não importa o que a vida fez com você, o importante é o que você faz com o que a vida fez com você (Sartre, 1973). “*Amor fati*” então é:

Minha fórmula para a grandeza no homem é amor fati: não querer ter nada de diferente, nem para frente, nem para trás, por toda a eternidade... Não apenas suportar aquilo que é necessário, muito menos dissimulá-lo – todo o idealismo é falsidade diante daquilo que é necessário –, mas sim amá-lo... (NIETZSCHE, 2012, p. 67 -68).

Mediante isso, Nietzsche desenvolve seu próprio “*super-homem*”, ou “*além-homem*”. No original, “*Übermensch*”:

Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo? (...) Que é o macaco para o homem? Uma risada, ou dolorosa vergonha. Exatamente isso deve o homem ser para o super-homem: uma risada, ou dolorosa vergonha (...). Vede, eu vos ensino o super-homem! O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem seja o sentido da terra! (NIETZSCHE, 2011, p. 13 -14).

O “*super-homem*” seria o próximo estágio de evolução humana. Não uma evolução biológica, mas intelectual, da forma como se entende e se age na vida. Todos os “*super-homens*” seriam movidos pelo “*amor fati*”. Eles não se martirizariam com os fatos imutáveis e cruéis da vida, se sentindo fracos e incapazes. Por outro lado, eles aceitariam suas limitações de bom grado e se empenhariam naquilo que podem fazer. Desta forma, renunciam a incapacidade frente ao destino e impõe a força da vida terrena. Não há razão ou sentido para as coisas acontecerem, mas mesmo assim nossa história é feita de fatos, consequências do acaso ou das ações

humanas. Persistir sabendo que isso faz parte da essência do que é a vida é o caminho a se seguir para alcançar felicidade e independência.

8. CONCLUSÃO

Por mais que saibamos tantas coisas, tenhamos feitas tantas descobertas científicas, da viagem do homem à lua até o domínio da eletricidade, ainda há muitos mistérios a serem revelados e os maiores deles dizem respeito a nós mesmos. O destino foi uma tentativa frustrada e fácil de resposta para perguntas sobre a essência humana. Todos conhecem a fórmula química da água, H₂O, tanto que levantar a hipótese sobre o contrário é passar-se pelo ridículo. No entanto, não sabemos qual seria a “fórmula humana”. Independente da tentativa, continuamos um enigma para nós mesmos. Contudo, como dito, devemos focar no que temos hoje, no que podemos fazer hoje, para o nosso bem e dos nossos semelhantes. Mais importante do que saber como se fazer, é ter a coragem e a vontade para se fazer. Enquanto não desistirmos, ainda é possível superarmos a muleta do destino e sermos os nossos próprios deuses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **O livre arbítrio**. 3ª Edição. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLOWER, Ana Paula; GRANDELLE, Renato. Distúrbios de saúde mental aumentam em todos os países do mundo, alerta relatório. **O Globo**, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/disturbios-de-saude-mental-aumentam-em-todos-os-paises-do-mundo-alerta-relatorio-23146088>>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.

DEPRESSÃO cresce no mundo, segundo OMS; Brasil tem maior prevalência da América Latina. **G1 Globo, Bem Estar**, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/depressao-cresce-no-mundo-segundo-oms-brasil-tem-maior-prevalencia-da-america-latina.ghtml>>. Acesso em: 29 de jun. de 2019.

DESTINO. **Michaelis On-line**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/destino/>>. Acesso em: 20 de jun. de 2019.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. 1ª Edição. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª Edição. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

HEGEL, Georg W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas**. São Paulo: Loyola, 1995.

LIMA, Frederico. Suicídio: Brasil registra aumento de 2% no número de mortes desse tipo em um ano. **O Globo**, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/suicidio-brasil-registra-aumento-de-2-no-numero-de-mortes-desse-tipo-em-um-ano-23086007>>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo** (Coleção: **Os pensadores**). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MINISTÉRIO da Saúde divulga dados sobre casos de suicídio no Brasil. **Revista Galileu**, 2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2018/09/ministerio-da-saude-divulga-dados-sobre-casos-de-suicidio-no-brasil.html>>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

MOREIRA, Braitner. Suicídios aumentam 2,3% em 1 ano, e Brasil tem 1 caso a cada 46 minutos. **G1 Globo, Bem Estar**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2018/09/20/suicidios-aumentam-23-em-1-ano-e-brasil-tem-1-caso-a-cada-46-minutos.ghtml>>. Acesso em: 29 de jun. de 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

OMS: quase 800 mil pessoas se suicidam por ano. **Nações Unidas Brasil**, 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-quase-800-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano/>> . Acesso em: 29 de jun. de 2019.

OMS registra aumento de casos de depressão em todo o mundo; no Brasil são 11,5 milhões de pessoas. **Nações Unidas Brasil**, 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.

PAINS, Clarissa. Um em cada três adolescentes no país sofre de transtornos mentais comuns. **O Globo**, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/um-em-cada-tres-adolescentes-no-pais-sofre-de-transtornos-mentais-comuns-19356875>>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. 6ª Edição. Tradução: Paulo Perdigão. Rio de Janeiro: Vozes, 1998

TRANSTORNO mental grave. **Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP**. Disponível em: <<https://www.fcm.unicamp.br/aceessus/agrivos-estudados/transtorno-mental-grave>>. Acesso em: 11 de jul. de 2019.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Imagem 1, 2 e 3: DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. 1ª Edição. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Imagem 4: PAINS, Clarissa. Um em cada três adolescentes no país sofre de transtornos mentais comuns. **O Globo**, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/um-em-cada-tres-adolescentes-no-pais-sofre-de-transtornos-mentais-comuns-19356875>>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.

Imagem 5: MOREIRA, Braitner. Suicídios aumentam 2,3% em 1 ano, e Brasil tem 1 caso a cada 46 minutos. **G1 Globo, Bem Estar**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2018/09/20/suicidios-aumentam-23-em-1-ano-e-brasil-tem-1-caso-a-cada-46-minutos.ghtml>>. Acesso em: 29 de jun. de 2019.